



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

DESCOLONIZAR O CINEMA NA ESCOLA, UM NASCIMENTO COLETIVO DE ALTERIDADE

Adriana Fresquet*
(UFRJ)

RESUMO

Este trabalho atende a hipótese de descolonizar o cinema na escola. Trata-se de uma proposta para pensar em que medida essa possibilidade pode ser atingida por professores e alunos a partir da visualização, de análise crítica e criativa e do “fazer arte” em contexto escolar. Algo assim como três formas possíveis de agir em um movimento herético em meio a hegemonia da indústria cultural para a infância e a adolescência. Complementar o ato de “ver” com o momento de análise crítica e criativa e o de “fazer” retroalimenta cada um desses momentos, amplia o repertório do gosto e ativa a formação de uma consciência que descolonializa a lógica da recepção e produção. Inclusive mais, desacraliza a supremacia do poder econômico no mundo cinematográfico, desde o espaço escolar, devolvendo parte deste poder da produção cultural aos seus verdadeiros autores: as crianças e os adolescentes, tratados pela indústria apenas como destinatários, estritos consumidores.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema; Infância; Escola; Fazer arte; Descolonizar; Alain Bergala.

INTRODUÇÃO

Na situação abertamente colonial a penetração cultural é o complemento de um exército estrangeiro de ocupação. No neocolonialismo a situação se inverte, a “cultura” se torna o verdadeiro exército de ocupação, assume uma

*CIN0EAD/LISE da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutora em Ciências Psicopedagógicas na *Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación Santa María de los Buenos Aires de la Pontificia Universidad Católica Argentina*. Realizou estudos de pós-doutorado sobre cinema, infância e educação na Faculdade de Educação da Pontificia Universidade Católica do Rio. E-mail: adrifres@uol.com.br.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

prioridade maior (SOLANAS E GETINO, 1995, p. 116).

Hoje, como sempre, encontramos na escola práticas que indicam hegemonias e modas. Crianças e adolescentes respondem ao verdadeiro exército sem nenhuma evidencia de violencia explícita. Não podemos falar mais em penetração cultural, de fato. A “cultura da midia” ocupa todo o lugar, e aquilo que nao está preenchido por ela é considerado “outro”, diferente, estranho, suspeito, chato. Quiça Passolini (1990) não exagerou ao afirmar que na pós-modernidade assistimos a um verdadeiro *genocídio cultural*. A midia manda. A imagem lidera esta operação. Imágenes por todos lados dizem ou “sugerem” o fazer. Imágenes nos celulares, nos computadores, nos outdoors, na tv, no cinema..., mas qual cinema?

1- Descolonizar o cinema na escola: uma hipótese de trabalho

O olho vê,
a memória revê,
a imaginação trans-vê
É preciso trans-ver o mundo
Manoel de Barros. *Poesia falada*.

Esta idéia de trans-ver o mundo foi a que nos levou a “inventar” um projeto que, além de pesquisa e extensão, pudesse ver, re-ver e trans-ver as vivências entre o “eu e o mundo” através da tela grande. A invenção dessas vivências deu força ao CINEAD, seus vínculos “intra” — na equipe —, e “inter” com outras instituições o fizeram e fazem nascer a cada dia.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

Neste texto pretendo apresentar como estratégia de descolonização um projeto de pesquisa e extensão CINEMA PARA APRENDER E DESAPRENDER (CINEAD), do Laboratório do Imaginário Social e Educação (LISE) da Faculdade de Educação (FE) do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH) da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que completou dois anos em 7 novembro 2008, e que acredita na possibilidade de descolonizar o cinema fazendo pesquisa, docência e extensão.

A pesquisa estrutura-se em três modalidades:

- 1) Pesquisa de filmes (fundamentalmente do cinema brasileiro) e do acervo impresso conservado no Setor de Documentação e na Biblioteca da Cinemateca do Museu de Arte Moderna do Rio (MAM-Rio).
- 2) Pesquisa da experiência das crianças e adolescentes debatendo filmes sobre infância e adolescência com alunos do CAp/UFRJ.
- 3) Pesquisa da experiência das crianças e adolescentes do CAp/UFRJ fazendo filmes, como atores e autores. Foca a experiência das crianças e adolescentes como produtores de cultura, de sua infância e adolescência.

A cada ano novas mudanças são introduzidas. A mais significativa, introduzida em 2008, guarda relação com esta multiplicação de frentes de pesquisa e, em conseqüência, com a necessidade de ampliar nossos fundamentos teórico-metodológicos. Em 2009 o desafio se apresenta na consolidação de um projeto piloto que permita pensar uma pesquisa sobre fundamentos curriculares para elaboração de projetos de cineam na escola.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

Descolonizar o cinema: uma aproximação à cinemateca.

Ir à Cinemateca já era fazer cinema, pois gostávamos de tudo — se havia três boas cenas, achávamos o filme formidável — e estávamos completamente imersos no cinema. (...) eu já fazia filmes antes de fazê-los. Certamente aprendi mais vendo filmes do que fazendo. Mas ao mesmo tempo o que quer dizer aprender? Godard, Jean-Luc (2006, p. 242-243)

O vínculo com a Cinemateca funciona como o eixo que dá articulação a toda a pesquisa, entre suas diversas modalidades e inclusive às atividades de extensão universitária. Como afirma Godard, aprender cinema — seja sobre a história ou sobre o fazer — exige alguma forma de relação íntima com a cinemateca como condição primeira.

O projeto em 2007 pesquisou exclusivamente leituras de filmes sobre infância e adolescência, focando a possibilidade de desaprender. No final do segundo semestre, iniciou sessões de cinema-debate com os alunos do CAP.

Em fevereiro de 2008 foi assinado um convênio entre a Faculdade de Educação da UFRJ e o MAM-Rio. Em março já estávamos na Cinemateca pesquisando o acervo impresso, no primeiro semestre, para dar início a pesquisa do acervo fílmico no segundo. O critério de seleção foi orientado pelo nosso principal pesquisador vinculado ao universo do cinema brasileiro, Hernani Heffner.

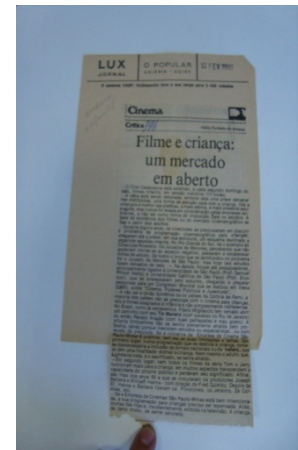
A Cinemateca é o lugar onde se centra a discussão teórica, a organização dos seminários, a busca e a novidade diante da riqueza do material impresso ou fílmico. Uma bibliografia antiga sobre cinema e educação foi o primeiro achado a nos surpreender e encantar. A quantidade de pastas com material referindo à infância, à adolescência, à educação espantou-nos pela diversidade de documentos conservados.

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

Na biblioteca, achamos também importantes catálogos sobre filmografia brasileira. Pudemos constatar a precariedade de estado de catalogação do material que se explica pelo reduzido número de recursos financeiros e humanos no setor de documentação.

Figura 1 (3 fotografias da pesquisa na Cinemateca MAM-Rio)

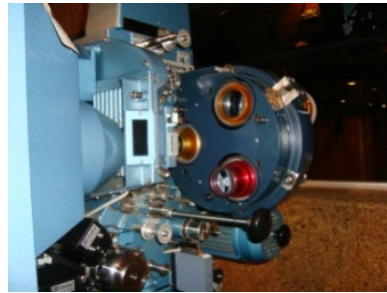


A proposta desta modalidade prevê a leitura do material da cinemateca e a atualização das bases teóricas do projeto através da apresentação de seminários. Alguns dos autores mais estudados foram Alain Bergala, Walter Benjamin e Ismail Xavier.

Figuras 2: (alunos do CAp na Cinemateca)

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009



No segundo semestre 2008 o planejamento de projeção de filmes é: *Limite* (Mario Peixoto, 1930); *Ganga bruta* (Humberto Mauro, 1933); *Carnaval Atlântida* (1952, José Carlos Burle); *O grande momento* (Roberto Santos, 1958); *Pega Ladrão* (Alberto Pieralisi, 1957); *Os fuzis* (Ruy Guerra, 1964); *Assalto ao trem pagador* (Roberto Farias, 1962); *Porto das caixas* (Paulo Cesar Saraceni, 1962); *O pagador de promessas* (Anselmo Duarte, 1962); *Terra em Transe* (Glauber Rocha, 1967); *Vidas Secas* (Nelson Pereira dos Santos, 1963).

Em 2009, acabamos de inaugurar o Cineclube CINEAD no MAM, e conseguimos oferecer sessões quinzenais em horário nobre da cinemateca, as quintas feiras de noite. Convidados especiais prestigiam os debates. O início tem sido prometedor...

2- Descolonizar o olhar: ver cinema na escola

Ao contrário que na música, na pintura não há crianças prodígios. O que se considera como genialidade precoce é a genialidade da infância. E esta desaparece com os anos. Pablo Picasso (Walther, 1994, p. 8)

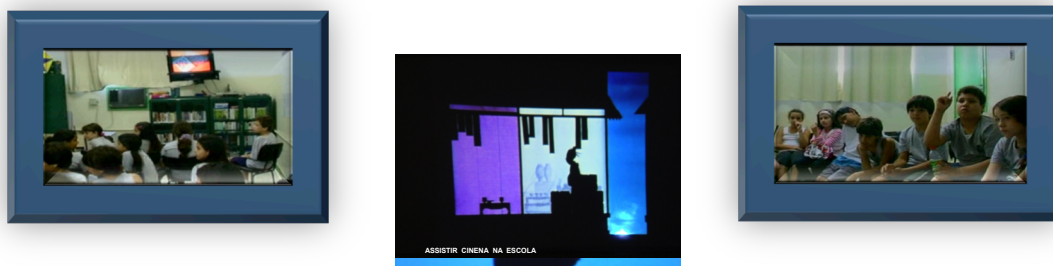
VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

A genialidade da infância, que se perde como passar dos anos, é o que fundamenta a necessidade de incluir as crianças como co-pesquisadoras das questões da infância. Crescemos e trocamos, quase sem perceber, a genialidade pela “experiência” que é a *máscara do adulto* afirma Benjamin (2005, p. 21). Trata-se da experiência de quem já sabe tudo, isto é, algo que imobiliza a busca, a transformação, o repetir diferente.

Sentimos necessidade de ouvir a voz das crianças acerca do que elas têm para dizer com respeito a sua infância. Queremos ver através dos seus olhos. Nós seríamos apenas intérpretes, eles são os reais protagonistas na recepção e produção de uma cultura que lhes é própria.

Figuras 3: alunos do CAp assistindo cinema na escola.



Das sessões de cinema-debate que foram realizadas no segundo semestre de 2007, foram escolhidas as duas mais interessantes para transcrição e análise. Uma sessão de 5º ano, a partir do filme *Príncipes e Princesas* (1999) de Michel Ocelot e outra de 4º ano, a partir da projeção do curta *Minhocas* (2006) de Paolo Conti.

A primeira escolha responde à necessidade de levantar um debate sobre o que as crianças pensam acerca da possibilidade da infância fazer cinema. A segunda obedeceu também à nossa pesquisa sobre infância, em particular, sobre as relações



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

de confiança nos adultos, na tensão responsabilidade-risco, no processo de aprender. Em 2009, temos desenvolvido 3 sessões com a Invenção da Infância com experiências de reflexão e problematização da questão da relação entre ser criança e ter infância bem surpreendentes.

Ainda agora, em 2009, introduzimos duas novidades importantes no CAp UFRJ: CINEMA NA BIBLIOTECA e CINEMA NOS RECRÉIOS. Trata-se, no primeiro caso, de partilhar a filmoteca do CINEAD, com sede no LISE, administrada pela Biblioteca do CAp UFRJ, e disponibilizada em uma pequena cabine que criamos coletivamente para tal fim. Também a partir de junho estamos projetando cinema em um telão em dois recreios em cada turno (manhã e tarde) para impregnar com cinema mudo crianças e adolescentes. A experiência está resultando incrível!

3- Descolonizar o fazer: fazer cinema na escola

Rio 40 Graus é uma luta comigo mesmo. Descolei a grana, inventei a história, não tinha produtor, não tinha nada. Foi uma invenção de moleque de rua, a vontade de fazer. Chega um momento em que você tem que decidir. Decidir pelo fazer é sempre uma boa; a boa é fazer. Nelson Pereira dos Santos (PAPA, 2005)

Nelson Pereira dos Santos é uma inspiração. Um modelo. Alguém “imortal”, como quer a Academia Brasileira de Letras. Trata-se de um exemplo de síntese político-poética. Sempre situado entre o artístico e o social. Um motor movido à paixão, em particular, pela paixão pelo cinema. Alguém que não perdeu sua simplicidade pela grandeza. Um paradigma cuja vida acadêmica não o afastou do reconhecimento da cultura do povo. No final do seu discurso de posse como o nono ocupante da Cadeira 7 da Academia Brasileira de Letras, eleito em 9 de março de

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

2006, agradece aos personagens famosos e anônimos *que ajudaram a difundir pelo mundo a língua falada do povo brasileiro.*

Figuras 4: apadrinhamento de Nelson Pereira dos Santos à Escola de Cinema do CAP UFRJ



Em profunda sintonia, descobrimos que a decisão pelo “fazer”, nesta pesquisa, foi algo semelhante ao seu depoimento citado na epígrafe. Sem grana, sem condições quase, mas com pessoas, feitas *moleques de rua*, decididas a fazer com paixão, começamos andar. Fazer cinema não é algo que se faça na escola, habitualmente. Isso tornava o objetivo mais desafiante. Procuramos modelos, achamos muitos e interessantes no contexto brasileiro, mas a maioria com formato de oficinas temporárias. Nós queríamos outra coisa. Em verdade, queríamos criar uma escola, aliás: “Uma escola de cinema para crianças e adolescentes dentro de uma escola pública”. Ensaíamos esta idéia oralmente. A receptividade era grande. As pessoas perguntavam, queriam saber, algo nos dizia que era uma idéia bem-vinda no âmbito acadêmico, no mundo da cultura. Seguimos procurando. Achamos outros referenciais, modelos de aprendizagem de cinema na jornada curricular, na França; projetos anuais que se introduzem na escola, no horário curricular e ao terminar, partem para outras escolas, na Espanha. Não era exatamente isso. Mas de todos eles aprendemos. Pesquisamos suas características, seus contextos e circunstâncias. As diferenças entre nossos mundos eram gigantescas. Precisamos apropriar-nos delas para criar algo



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

próprio. E nos aventuramos. E as “coisas” no mais material dos seus significados foram aparecendo. Outras, imateriais, ou invisíveis e por isso mais essenciais, também convergiram. Em particular, pessoas, profissionais, artistas, alunos, bolsistas, todos caracterizados por uma paixão dupla e comum: o cinema e a educação.

E a Escola de Cinema no podia começar senão com formato piloto. O lugar indicado só podia ser dentro de casa, por isso começamos no CAp - UFRJ. A Escola começou em abril de 2008. Baste dizer que ela tem nascido como objeto de pesquisa, mas sua iniciação e andamento têm nos capturado como o mais precioso e íntimo recanto de criação, aprendizagem e trabalho. Algo assim como um mundo mágico bem próximo à Terra do Nunca. Uma experiência que não apenas acorda as crianças que levamos dentro como nos faz nascer de novo para o novo.

Desenvolver esta idéia significou correr riscos. Só demos conta de corrê-los porque confiamos na mão firme que nos acompanha ao atravessar um território desconhecido e cujos perigos desconhecemos. Confiamos nos modelos e referenciais escolhidos para aprender, que entendemos como possibilidade, também, de desaprender e reaprender. Eles fizeram às vezes de *passadores* como afirma Serge Daney, no sentido de quem acompanha a quem aprende, correndo os mesmos riscos (Bergala, 2006; p. 57). Confiamos, também, na claridade do sonho, que perde contornos e vira luz, ao tornar-se realidade. Ela ilumina um rumo, mas não temos tanta nitidez do caminho. Sabíamos, apenas, que queríamos fazer cinema com crianças e adolescentes em contexto escolar. Os detalhes permaneciam ocultos, a desvendar, a construir, a inventar. Neste sentido as palavras de Picasso, davam mais força à luz que indicava apenas a direção do caminho: *Se se sabe exatamente o que se quer fazer, por que fazê-lo então? Pois se se sabe, já não tem interesse. É melhor fazer outra coisa.* (Walther, 2005, p. 7).



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

Esta é mais uma pesquisa que desconstrói o lugar do saber como porto seguro. Mais uma experiência que não tem pretensões de ensinar aos outros como fazer, como pesquisar, como aprender. Pretendemos que qualquer leitura dela permita decolar para novos formatos, para desconstruir suas estruturas e usá-las como partes de uma escada que permita subir, sempre fazendo algo diferente. Pesquisa é movimento, é diálogo, é criação com o outro. Essa transmissão pessoal é o que faz possível pesquisar a partir de um projeto que aprende com paixão e cria novos sentidos no contexto acadêmico, que aproxima o mundo da escola ao universo da cultura e que inventa e escreve uma história para ser contada pelos seus protagonistas: as crianças e os jovens.

4- A Escola de cinema do Colégio de Aplicação do CAp UFRJ

Inspirados nas leituras de entrevistas realizadas a Godard, onde tanto a Cinemateca quanto o “fazer” aparecem como condições fundamentais para aprender cinema, gestou-se a idéia de criarmos a escola de cinema no CAp. A pesquisa e o debate teórico de professores e alunos na Cinemateca alimentam e renovam as práticas das atividades desenvolvidas na escola. Divididos em dois pequenos grupos, um de ensino fundamental e outro de ensino médio, a Escola de Cinema do CAp dá seus primeiros passos na apropriação de uma introdução a história do cinema e aos elementos da linguagem cinematográfica.

Atualmente a Escola de Cinema do CAp UFRJ tem completado seu primeiro ano, é consciente de seu caráter piloto e experimental e desenvolve uma intensa tarefa de planejamento e produção de material didático para as aulas.

No primeiro semestre ambos grupos foram introduzidos à história do cinema, passando pela visualização de alguns filmes do cinema mudo e pela prática da

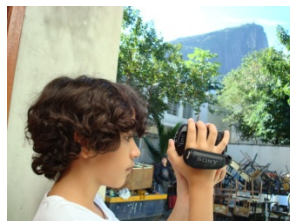
VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

restauração da “primeira vez do cinema”. Concretamente, propomos realizar a visualização de alguns exemplos da produção dos irmãos Louis e August Lumière, que em 1895 começaram escrever a história do cinema com películas de 17 metros que atingiam aproximadamente 50 segundos de filmagem, com câmera fixa, registrando cenas cotidianas para depois fazer a prática de filmar um minuto como se fossemos Lumière. Esta prática idealizada por Alain Bergala e Nathalie Bourgeois como atividades pedagógicas da *Cinémathèque française* foi denominada *Minutos Lumière*. Nesta atividade, queremos escrever uma pequena página da história da vida dos alunos, da escola, da realidade próxima, convidando cada aluno a realizar o seu próprio minuto Lumière. Pretendemos, de fato, fazer a experiência de restaurar a *primeira vez* do cinema. Ou bem, parafraseando Bergala (2006), podemos afirmar que quando alguém se encontra no que há de originário no ato cinematográfico, se torna o primeiro cineasta, de Louis Lumière até uma criança de hoje. Fazer um plano nos situa no coração do ato cinematográfico. No simples ato de captar um minuto está toda a potência do cinema e, no enquadramento, descobrimos um mundo que sempre nos surpreende.

Algumas imagens, filmando na escola:

Figuras 5: alunos da Escola de Cinema em aula e filmando.



As saídas à Cinemateca, com os alunos da escola foram frequentes e produziram o efeito mágico de se aproximar do universo físico da sala, dos projetores, das texturas e cheiros das películas.

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

Figuras 6: Alunos da Escola de Cinema do CAP na Cinemateca do MAM-Rio.



No segundo semestre de 2008, com o grupo de alunos de ensino fundamental revisitamos algumas locações de *Rio 40 graus*:

Figuras 7: Alunos da Escola de Cinema do CAP filmando no Pão de Açúcar e Copacabana



VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009



O segundo semestre de 2008, o grupo de Ensino Médio trabalhou o cinema em diálogo com outras linguagens: cinema e teatro, cinema e literatura, cinema e dança, etc. propondo projeções na cinemateca que acompanhassem este percurso teórico.

Esta experiência de fazer cinema na escola, ou melhor, “entre a cinemateca e a escola”, que nasceu nas leituras das entrevistas de Godard e cresceu e se aperfeiçoou quando descobrimos o trabalho desenvolvido por Alain Bergala na França, consiste em um desafio de aprender cinema com fundamentação histórica e teórico-metodológica em contexto escolar, de “fazer arte”, colocando em diálogo adultos e crianças, artistas e docentes, instituições culturais e educativas e em definitiva, criando alguma forma de ponte para estabelecer um contato mais íntimo entre o cinema e a educação. Em 2009 estamos trabalhando sobre o gênero documentário. Estamos impregnando o colegio com cinema nos recreios, na biblioteca que administra a filmoteca numa pequena cabine criada para tal fim. E ainda inauguramos o Cineclubes do CAP . Cinema na escola a toda hora por todos lados e para todos!



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

O projeto de extensão universitária: uma ponte direta entre a universidade e a sala de aula

No Auditório Mauricio Albuquerque do CFCH/UFRJ, a cada bimestre, o CINEAD oferece um curso de 8 horas num único encontro. Ele é aberto ao público, mas privilegia a participação dos professores da rede pública de ensino. Nele se apresentam as bases teóricas do projeto, se oferecem alguns exemplos das atividades da Escola de Cinema e da Cinemateca e se propõe pensar formas de introduzir o cinema em diálogo com a própria experiência escolar. As datas e horários são divulgados na página da Faculdade de Educação da UFRJ (www.fe.ufrj.br). Os certificados são emitidos pela PR-5/UFRJ.

O curso de extensão é uma possibilidade para o encontro. Alguns membros da equipe da pesquisa atual foram participantes dos cursos de extensão, cuja formação e interesse os aproximaram ativamente.

Uma nova forma de projeto de extensão

Em 2009, temos iniciado um projeto de aproximação ao projeto Brincante, da EEF e do IP/UFRJ, e estaremos levando o cinema no Hospital Universitário, especificamente no setor de pediatria desde o ambulatório até a quimioteca, como quinta oficina (o projeto Brincante já vem realizando 4 oficinas dentro do hospital).

Houve uma proposta para iniciar algumas projeções de filmes na FEBEM, ainda em tratativas.

O cinema, como o *menino do dedo verde*, vá transformando ao seu passo muitos espaços e tempos, vidas e sentidos...



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

CONCLUSÕES

O projeto de pesquisa e extensão Cinema para Aprender e Desaprender é um projeto inconcluso, inacabado. Apenas um nascimento coletivo de alteridade. Sua característica principal é o esforço de desaprender com cinema fazendo dessa experiência de alteridade seu fazer permanente. Algo assim como um incessante trabalho por descolonizar o cinema desde diferentes pontos de vista e possibilidades.

Trata-se também, de uma questão de autoria. Dar voz e vez a crianças e adolescentes interpretando e produzindo cultura é um desafio atual urgente e necessário. Considero que a leitura deste pequeno texto dará a pensar sobre estas e outras questões e, quem sabe, permitirá iniciar um diálogo. Esse é um profundo desejo: dar-nos a conhecer e conhecer o leitor.

Você também é um “outro”, potencial descolonizador, com quem queremos aprender e resistir junto às hegemonias, ao menos, àquelas que deixariam aos irmãos Lumière de cabelos arrepiados...

REFERÊNCIAS

AUMONT, Jacques; BERGALA, Alain; MARIE, Michel & VERNET, Marc. *Estética del Cine. Espacio fílmico, montaje, narración, lenguaje*. Buenos Aires: Paidós, 2005.

BAKHTIN, Mikhail. A forma espacial da personagem. In: _____. *Estética da criação verbal*. 4ª ed. Trad. do russo Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003; p. 21-90.

BARROS, M. *Manoel de Barros Por Pedro Paulo Rangel e Manoel de Barros*. “Coleção Poesia falada” Vol. 08. Brasil: Luz da Cidade; 2001. Disco compacto (53 min.): digital, estéreo LCPF 008.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

- BENJAMIN, Walter. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. São Paulo: Duas Cidades/34, 2005.
- BERGALA, Alain. *L'hypothèse cinéma. Petit traité de transmission du cinéma à l'école et ailleurs*. Paris: Petit Bibliothèque des Cahiers du Cinéma, 2006.
- GODARD, Jean-Luc. Você quer fazer cinema? Pegue uma câmera! In: TIRARD, Laurent. *Grandes Diretores de Cinema*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- LARROSA, Jorge, CASTRO, Inês Assunção de e SOUSA, José Miguel de. *Miradas Cinematográficas sobre la infancia. Niños atravesando el paisaje*. Buenos Aires: Miño y Dávila, 2007.
- LAUD, Michel (org). Pier Paolo Pasolini, *Os jovens infelices*. Belém: Brasiliense, 1990.
- PAPA, Dolores. *Nelson Pereira dos Santos. Uma Cinebiografia do Brasil. Rio, 40 Graus 50 anos*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.
- SOLANAS, Fernando e GETINO, Octavio. La descolonización del gusto. Em: AVELLAR, José Carlos. *A ponte clandestina. Teorias de Cinema na América Latina*. São Paulo: EdUSP/Editora 34, 1995.
- WLATHER, Ingo F. Pablo Picasso 1881-1973. El gênio del siglo. Köln, Taschen, 1994
- Referências da internet
- Outras referências:
- AIDELMAN, Núria e COLELL, Laia. Cinema en Curs. *Dossier de presentación*. Acessado em: http://www.cinemaencurs.org/novaweb/pdf/presentacio_cast.pdf, 20 de setembro; 7:35hs
- SANTOS, Nelson Pereira dos. Discurso de Posse. In: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inoid=4510&sid=133>. Acessa-do em 20 de setembro de 2008.